

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstructivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

A Didática Reconstructivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação

The Reconstructivist Didactics of History and the History Class: undergraduate and graduate experiences

La didactique reconstructiviste de l'histoire et la classe d'histoire: expériences de premier cycle et de deuxième cycle

La Didáctica Reconstructivista de la Historia y la Clase de Historia: experiencias de pregrado y posgrado

Cristiano Nicolini
FH/PPGH/UFG - Brasil
cristianonicolini@ufg.br

Ruan Lucas Marciano
Mestrando PPGH UFG - Brasil
ruanueg@gmail.com

Resumo: O texto é resultado da análise de três situações em que a Aula Histórica, proposta pela historiadora Maria Auxiliadora Schmidt (2020), foi desenvolvida como estratégia para uma Didática Reconstructivista da História, na Universidade Federal de Goiás, Brasil, nos anos de 2022 e 2023. Estudantes da graduação e da pós-graduação partiram de diferentes problematizações e intenções para essas elaborações, mantendo como eixo a articulação entre ensino e pesquisa. O texto apresenta algumas considerações e busca ampliar as possibilidades para a construção de uma metodologia que aproxima a universidade da escola de educação básica, rompendo o paradigma da transposição didática.

Palavras-chave: Aula Histórica; Didática Reconstructivista da História; graduação; pós-graduação; Universidade Federal de Goiás.

Abstract: The text is the result of the analysis of three situations in which the History Class, proposed by the historian Maria Auxiliadora Schmidt (2020), was developed as a strategy for a Reconstructivist Didactic of History, at the Federal University of Goiás, Brazil, in the years 2022 and 2023. Undergraduate and postgraduate students started with different problematizations and intentions for these elaborations, maintaining the articulation between teaching and research as an axis. The text presents some considerations and seeks to expand the possibilities for the construction of a methodology that brings the university closer to the basic education school, breaking the paradigm of didactic transposition.

Keywords: History Class; Reconstructivist Didactics of History; graduation; postgraduate studies; Goias Federal University.

Résumé: Le texte est le résultat de l'analyse de trois situations dans lesquelles le cours d'histoire, proposé par l'historienne Maria Auxiliadora Schmidt (2020), a été développé comme stratégie pour une didactique reconstructiviste de l'histoire, à l'Université fédérale de Goiás, au Brésil, en les années 2022 et 2023, les étudiants de premier cycle et de troisième cycle ont commencé avec différentes problématiques et intentions pour ces élaborations, en maintenant l'articulation entre l'enseignement et la recherche comme

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstructivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

axe. Le texte présente quelques considérations et cherche à élargir les possibilités de construction d'une méthodologie qui rapproche l'université de l'école d'éducation de base, en brisant le paradigme de la transposition didactique.

Mots clés: Cours d'histoire; didactique reconstructiviste de l'histoire; l'obtention du diplôme; études supérieures; Université fédérale de Goiás.

Resumen: El texto es el resultado del análisis de tres situaciones en las que se desarrolló la Clase de Historia, propuesta por la historiadora Maria Auxiliadora Schmidt (2020), como estrategia para una Didáctica Reconstructivista de la Historia, en la Universidad Federal de Goiás, Brasil, en los años 2022 y 2023. Los estudiantes de pregrado y posgrado partieron con diferentes problematizaciones e intenciones para estas elaboraciones, manteniendo como eje la articulación entre docencia e investigación. El texto presenta algunas consideraciones y busca ampliar las posibilidades para la construcción de una metodología que acerque la universidad a la escuela de educación básica, rompiendo el paradigma de la transposición didáctica.

Palabras clave: Clase de historia; Didáctica Reconstructivista de la Historia; Graduación; Posgraduación; Universidad Federal de Goiás.

Introdução

No ano de 2020, a pesquisadora Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt apresentou a sua tese para a obtenção do título de professora titular na Universidade Federal do Paraná (UFPR, Brasil), na qual desenvolveu a versão mais recente da sua matriz da Aula Histórica. Esse modelo teórico é produto de um processo de duas décadas em que a pesquisadora vem dialogando com os referenciais da Didática da História e da Educação Histórica, resultando no conceito de Didática Reconstructivista da História (Schmidt, 2020). Partindo de versões anteriores de matrizes conceituais que se inspiraram na proposta de Jörn Rüsen (1984), a autora elabora um modelo que funcione tanto teórica quanto metodologicamente para a atuação didática em distintos espaços de formação histórica.

Neste texto, apresenta-se uma sequência de três situações de ensino e aprendizagem na graduação e na pós-graduação, desenvolvidas na Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG, Brasil), nos anos de 2022 e 2023, utilizando o modelo teórico-metodológico de Schmidt em diferentes etapas e situações do processo formativo. A primeira proposta foi desenvolvida no curso de Licenciatura em História, no componente curricular Didática da História, no primeiro semestre de 2022; a segunda situação se desdobrou na disciplina de mesmo nome, porém no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), no segundo semestre de 2022; a terceira e última

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstructivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

atividade corresponde a uma aula de estágio de docência de um mestrando do PPGH, no primeiro semestre de 2023.

Primeiramente, apresenta-se neste artigo a proposta de Schmidt, relacionando-a com a sua trajetória de pesquisa e as articulações com a Didática da História e a Educação Histórica. Na sequência, descrevem-se as três situações formativas nas quais a matriz da Aula Histórica foi utilizada visando uma Didática Reconstructivista da História, bem como realiza-se a análise dos resultados obtidos e algumas considerações finais acerca do processo. Tal análise se dá, também, em diálogo com outras referências do campo da Didática da História e da Educação Histórica, destacando-se as pesquisadoras portuguesas Isabel Barca e Marília Gago, cujos trabalhos vêm se articulando com as pesquisas brasileiras desde o começo do século XXI. A partir dos desdobramentos da análise, são delineadas perspectivas e possibilidades da Didática Reconstructivista da História articulando a relação atribuída pelos estudantes da graduação e da pós-graduação aos pressupostos explicitados por Schmidt (2020).

Por uma Didática Reconstructivista da História

A proposta da Aula Oficina, desenvolvida pela professora Isabel Barca (2004), promoveu uma mudança conceitual sobre a forma de ensinar e aprender a pensar historicamente nos contextos educacionais. Nesta perspectiva, o professor aparecia como investigador social, atuando como um mediador no processo de leitura e interpretação de fontes para confirmar ou refutar hipóteses, bem como na compreensão contextualizada e na comunicação através de narrativas acerca daquilo que se aprendeu.

A proposta foi levada a diferentes países nas primeiras décadas do século XXI e vem se desdobrando em novas práticas pedagógicas no tempo presente. Como a própria pesquisadora afirma, a Aula Oficina não consiste em um modelo a ser copiado, mas visa estimular novas dinâmicas conforme os contextos nos quais cada professor atua. Assim, partindo do princípio de uma cognição histórica situada, a metodologia desenvolvida em Portugal chegou a diversos países, dentre eles o Brasil. Na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e na Universidade Estadual de Londrina (UEL) a Aula Oficina foi incorporada de forma mais evidente a diferentes projetos de pesquisa e ensino. O Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica (LAPEDUH/UFPR), coordenado pela

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstructivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

professora Maria Auxiliadora Schmidt, completou 20 anos de atuação no ano de 2023. A partir desses projetos, muitas instituições foram “abraçando” a Educação Histórica e, com ela, as metodologias que buscam qualificar processos formativos que conduzam a um pensamento histórico situado epistemologicamente, sem perder de vista a dimensão social e das condições materiais da existência dos sujeitos, sejam eles discentes ou docentes.

Nesta direção, Schmidt desenvolveu uma matriz que denominou Aula Histórica, a qual parte da proposta da Aula Oficina e da matriz do pensamento histórico desenvolvida por Jörn Rüsen (2015). Porém, ela acrescenta outras dimensões em sua estrutura, articulando-a com pesquisas desenvolvidas ao longo de mais de duas décadas, em contato com outros centros de investigação e “juntamente com os(as) professores(as) ao longo dos cursos de formação continuada, oferecidos pelo LAPEDUH em parceria com a SME [Curitiba - PR], ou seja, a partir das práticas desses(as) professores(as) e a relação com a teoria” (Gevaerd, 2020: 118). A autora destaca outras matrizes que também se inspiraram no modelo proposto pelo pensador alemão, principalmente no Canadá (Seixas, 2015; Lèvesque, 2016), para em seguida explicar as diferentes influências que a conduziram à matriz da Aula Histórica.

Referenciada na cognição histórica, essa proposta metodológica para uma Didática Reconstructivista da História considera tanto a cultura histórica como a cultura escolar, os temas controversos da história, o lugar e o significado da memória e do patrimônio na aprendizagem histórica e a cultura juvenil e infantil que permeia esses processos. Em comum com as demais matrizes, a elaboração de Schmidt mantém a estrutura das duas grandes dimensões representadas na parte superior (ciência histórica) e inferior (vida prática) do desenho que Rüsen e os demais autores utilizam para situar a circulação do pensamento histórico. Esse percorre um processo constitutivo de produção próprio da ciência histórica e retorna como resposta à vida prática, num movimento dialético constante (Rüsen, 2015).

Schmidt enfatiza em sua matriz a centralidade do sentido histórico, ou seja, um elemento que não aparece evidente nas proposições canadenses (Seixas, 2015; Lèvesque, 2016), pois o próprio Rüsen somente o incorpora em versões mais recentes de sua matriz da Didática da História. Como cerne da Aula Histórica, o sentido histórico ocorre quando envolve os sujeitos em seu próprio autoconhecimento, articulado com o conhecimento do outro e do mundo, bem como nas ações que transformam o lugar em que vivem (Schmidt,

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstitutivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

2020). A vida prática é o ponto de partida e de chegada da aprendizagem histórica, nessa compreensão.

Assim, a autora elaborou uma primeira versão de sua matriz no ano de 2016, desenvolvida na rede de ensino do município de Curitiba, no Paraná. Neste modelo, buscava-se a formação de sentido através dos seguintes processos: i. investigação das carências de orientação/consciência histórica/interesses dos alunos; ii. seleção de conceitos para responder a essas questões (substantivos e de segunda ordem); iii. trabalho com fontes; iv. produção de narrativas; v. avaliação contínua (metacognição). No texto de 2020, a autora apresentou a segunda versão dessa matriz, que mantém a sua estrutura, porém incorpora outras dimensões antes não enunciadas. Essa versão acentua a problematização da vida prática, levando em conta o conteúdo a ser trabalhado e as exigências sociais da aplicação deste conhecimento. Nela, a narrativa aparece como uma prática cultural de interpretação do tempo e, conseqüentemente, meio através do qual os sujeitos elaboram a constituição histórica de sentido para a suas experiências individuais e coletivas.

Schmidt dialoga, nesse sentido, com pesquisas que vêm sendo elaboradas tanto no Brasil quanto em Portugal, onde as professoras Isabel Barca e Marília Gago, dentre outras investigadoras e investigadores, desenvolvem trabalhos envolvendo o pensamento histórico de crianças e jovens desde finais dos anos 1990. Esses trabalhos, a contar do ano de 2003, articulam-se com pesquisas desenvolvidas em diversos países do mundo, mas nesse texto destaca-se a profícua relação construída com investigadoras e investigadores brasileiros.

A seguir, apresentam-se três situações em que a proposta da Aula Histórica foi desenvolvida junto a estudantes de diferentes níveis de formação e em distintos contextos, na Universidade Federal de Goiás, nos anos de 2022 e 2023. A partir de cada situação descrita, analisam-se os desdobramentos e apontam-se questões que a metodologia em pauta pode oferecer para a Didática da História.

Temas controversos como ponto de partida para a Aula Histórica na formação inicial de professores

A primeira situação apresentada é uma proposta de desenvolvimento da matriz da

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstructivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

Aula Histórica no componente curricular de Didática da História, ofertado no 5º período do curso de licenciatura em História da Universidade Federal de Goiás (FH UFG). Em 2022 os estudantes regressaram para as aulas presenciais, após mais de dois anos em que as atividades foram desenvolvidas através do Ensino Remoto Emergencial (ERE), em função da pandemia de Covid 19. Nesse retorno, foram pensadas situações de aprendizagem para promover uma (re)integração dos graduandos ao ambiente acadêmico, considerando que muitos desses jovens ingressaram no curso durante o período do distanciamento social e sequer conheciam o espaço físico da universidade.

Nesse sentido, em uma das aulas cujo tema era a aprendizagem histórica, propôs-se a leitura e discussão do texto *Aula Histórica: uma metodologia para a didática reconstructivista da história*, da obra de Maria Auxiliadora Schmidt (2020). Nesta unidade temática do componente curricular destacou-se que, para ensinar e aprender história, é preciso que tenhamos familiaridade com as formas e os conteúdos especializados do pensamento histórico; ou seja, só se ensina aquilo que se sabe. Jörn Rüsen (2015), nessa perspectiva, evidencia que a teoria da história é imprescindível para a prática de ensino, seja nas escolas ou em quaisquer outros espaços em que se propõe pensar historicamente.

Para que a turma pensasse em uma proposta de Aula Histórica, foi apresentada a cada grupo uma notícia recente veiculada pelas mídias digitais do Brasil. Após a leitura inicial desse material, os estudantes receberam um roteiro, inspirado no texto referencial de Schmidt (2020):

Quadro 1: Roteiro de elaboração da Aula Histórica.

Etapas	Tarefas
1) Investigar as carências de orientação e o modo como os alunos dão sentido à experiência no tempo/vida prática como ponto de partida (consciência histórica).	a) Situação-chave. b) Como verificar as ideias prévias e as carências de orientação das alunas e dos alunos? c) Possíveis ideias e carências de orientação que podem surgir (hipóteses). ¹
2) Professor/a seleciona conceitos substantivos e de segunda ordem a serem	a) Conteúdos (livro didático/BNCC). b) Conceitos substantivos.

¹ Aqui trabalhou-se com situações hipotéticas, pois a atividade foi desenvolvida em uma aula da graduação, não havendo a oportunidade de, nesse momento, visitar escolas para o levantamento. Essa tarefa é desenvolvida em campo de estágio, no semestre seguinte.

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstitutivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

trabalhados (ponto de partida são as carências temporais e interesses).	c) Conceitos de segunda ordem.
3) Seleção e uso de fontes históricas, problematizando-as e interpelando-as, permitindo que crianças e jovens façam o mesmo com vestígios do passado à luz de sua vida prática presente.	a) Fontes. b) Metodologia de uso das fontes.
4) Produzir narrativas, expressando a consciência histórica a partir de interpretações e problematizações que surgem no trabalho com as fontes (com marcadores temporais).	a) Tipo de narrativa. b) Relação com memória e patrimônio (vida pública). c) Relação com a cultura infantil e/ou juvenil. d) Relação com temas controversos da história.
5) Avaliação contínua: sistematização da avaliação na perspectiva da metacognição, percebendo o próprio processo de aprendizagem (considerando as carências e as ideias iniciais).	a) Instrumentos. b) Momentos. c) Registros, reflexão e comunicação dos resultados.

Fonte: Elaboração dos autores (2022).

Quanto às fontes disponibilizadas a cada grupo, as notícias foram as seguintes, extraídas de sites brasileiros:

Quadro 2: Notícias analisadas pelos grupos.

Grupo	Notícia
1	“Mourão diz que pedidos de volta da ditadura em atos pró-governo são ‘liberdade de expressão’” (G1, Brasília, 2/5/2022).
2	“Dom Phillips e Bruno Pereira: polícia já ouviu 20 pessoas e prevê fazer reconstituição do crime até sexta” (G1, Amazônia, 27/6/2022).
3	“Grupos neonazistas crescem 270% no Brasil em 3 anos; estudiosos temem que presença online transborde para ataques violentos” (G1, Brasil, 16/1/2022).
4	“Três mulheres morrem por dia no Brasil por feminicídio” (Agência Brasil, Brasil, 28/6/2022).
5	“Estão definidos os primeiros passos para a celebração de 300 anos de Goiás” (A Redação, Goiás, 2/2/2022).

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstitutivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

6	“Influenciadora digital zomba de vagas exclusivas para autistas em estacionamento de shopping” (G1, Goiás, 15/2/2022).
---	--

Fonte: Elaboração dos autores (2022).

A seleção de notícias direcionou-se intencionalmente para temas que provocam múltiplas leituras por parte dos estudantes: racismo, violência de gênero, revisionismo histórico, celebrações da colonização, preconceitos, discursos de ódio, dentre outros. São assuntos que permeiam as aulas de história a partir de demandas do tempo presente, mas que podem e devem despertar a mobilização de conceitos e de passados que se articulam com tais situações veiculadas pelas mídias digitais. Essa opção metodológica vai ao encontro do que afirma Rüsen: “A didática da história analisa [...] todas as formas e funções do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática. Isso inclui o papel da história na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa [...]” (2006: 12).

Após a leitura inicial das notícias, cada grupo utilizou o roteiro para a elaboração da Aula Histórica, selecionando primeiramente a situação-chave que cada texto viabilizaria em uma situação de aprendizagem. Apesar de partir de situações hipotéticas, a atividade evidenciou uma compreensão por parte dos licenciandos, que conseguiram extrair temáticas potencializadoras a serem abordadas em possíveis aulas na educação básica. A seguir, apresentam-se duas sínteses de propostas elaboradas pelos grupos, bem como uma breve análise de seus desdobramentos.²

Quadro 3: Síntese da proposta elaborada pelo grupo 1.

Etapas	Respostas
1	Contexto da ditadura civil-empresarial-militar no Brasil (1964-1985), partindo da notícia sobre um discurso negacionista proferido pelo então vice-presidente do país no ano de 2022. Para investigar as ideias prévias dos estudantes na situação projetada, os autores indicam que fariam a “leitura da notícia com os alunos, sem interferências”; em seguida iriam “debater a reação dos alunos” e

² Destaca-se que nesse e nos demais quadros inseridos na análise identifica-se uma *nuvem semântica* que, em função do espaço deste artigo, não foi possível explorar com maior aprofundamento, considerando que são excertos de produções de estudantes realizadas em contextos de aula.

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstitutivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

	finalmente “questionar experiências relacionando ao tema” (Grupo 1, junho de 2022: 2).
2	Na sequência, eles selecionariam conteúdos dos materiais didáticos e referenciais curriculares nacionais, destacando conceitos substantivos (democracia, ditadura, censura, repressão, liberdade de expressão) e de segunda ordem (perspectiva e empatia histórica, legitimidade da narrativa, crítica das fontes, construção narrativa) a serem desenvolvidos nas aulas seguintes.
3	As fontes que seriam utilizadas para esse processo de elaboração foram as seguintes: relatório da Comissão Nacional da Verdade, vídeos e trechos de textos historiográficos, cujo metodologia de uso seria a exibição audiovisual e a projeção de <i>slides</i> para análise coletiva.
4	As narrativas seriam produzidas pelos alunos a partir de uma lista de tópicos elencados no trabalho com as fontes: ditadura como processo antidemocrático, liberdade de expressão e seus limites, legados da ditadura e suas permanências e o reconhecimento dos processos históricos que a envolveram.
5	O grupo indica que a avaliação ocorreria de forma “dialética, para o aluno desenvolver e/ou mudar a suas ideias, conscientizando-se com fatos sem colocá-los como errados” (Grupo 1, junho de 2022: 5).

Fonte: Elaboração dos autores (2022).

O roteiro indica que os integrantes desse grupo compreenderam a dinâmica da Aula Histórica, trazendo conteúdos e temas sensíveis a partir da notícia que provocou a reflexão acerca das memórias e dos usos públicos do passado. Elaboraram uma metodologia que articula os saberes dos estudantes (ideias prévias) ao conhecimento científico e historiográfico sobre o período da ditadura militar no Brasil. No entanto, ainda persiste na avaliação o termo “errado”, sinalizando uma compreensão do ensino baseado no erro e no acerto. A avaliação na perspectiva da Didática da História pensa os equívocos nas narrativas como parte de um processo de elaboração do pensamento histórico, cuja avaliação atua mais como problematizadora e incentivadora de novas elaborações e menos como meio de apontar supostos erros nas respostas. A Aula Histórica, nesse sentido, amplia a noção de avaliação, articulando-a com o processo de construção do conhecimento.

Quadro 4: Síntese da proposta elaborada pelo grupo 2.

Etapas	Respostas
1	O tema gerador da aula, segundo o grupo, é o assassinato de dois ambientalistas e a investigação do crime no Brasil. Para verificar as ideias prévias dos alunos

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstructivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

	acerca do tema, propôs-se investigar os repertórios e visões de mundo. Perguntas como: “sabem algo sobre a morte desses ambientalistas? Já ouviram falar sobre outros crimes na Amazônia? Quais? Os alunos deverão fazer uma chuva de ideias a partir dessas perguntas” (Grupo 2, junho de 2022: 1).
2	Os conteúdos selecionados para essa aula foram: conflitos de terras no Brasil; estabelecimento do território brasileiro; marco temporal das terras indígenas. Como conceitos substantivos, indicaram-se: indígenas, opressão, liberdade, minorias, direitos humanos, crime organizado, garimpo, políticas ambientais, políticas de segurança, justiça, resistência, genocídio, extrativismo, colonização e demarcação de terras.
3	Quanto às fontes e metodologia de uso desse material, o grupo indicou o vídeo de uma reportagem noticiando o desaparecimento dos ambientalistas, um documento que relata a quantidade de terras indígenas invadidas, um vídeo do ato indígena no funeral das vítimas do assassinato, um vídeo de um dos ambientalistas cantando na mata com os indígenas, trechos do texto “O Amanhã não está à venda”, de Ailton Krenak, Tik Tok “Hoje não é dia de índio”, texto “Movimento indígena etnopolítico: história de resistência e luta”, de Gersom dos Santos Luciano (2006).
4	Nessa produção, os alunos seriam incentivados a relacionar a narrativa com a memória e a vida pública presentes nas fontes, com a linguagem juvenil a partir da escolha da forma de narrar e com os temas controversos que residem na própria história indígena e os processos de invasão, genocídio, colonização e políticas estatais.
5	A avaliação seria realizada através da correção da atividade a respeito da análise das fontes, quando os estudantes poderiam perceber as mudanças de compreensão, carências que permanecem e outros aspectos a serem observados através de debate, conversas e chuva de ideias, finalizando com a análise do produto cultural apresentado.

Fonte: Elaboração dos autores (2022).

Novamente, a proposta elaborada pelos graduandos articula as ideias prévias de alunos e os referenciais da ciência histórica, partindo de uma situação do tempo presente para compreender as múltiplas relações envolvidas no processo histórico. Os conceitos e fontes sugeridas permitem relacionar passado, presente e futuro numa perspectiva histórica, ampliando o horizonte interpretativo dos sujeitos envolvidos na aula. Ao inserir o fato narrado (assassinato dos ambientalistas) nessa dimensão temporal, o planejamento docente permite mapear expressões da consciência histórica dos alunos e, a partir dessas informações, mediar as etapas subsequentes da leitura das fontes e da construção de

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstitutivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

narrativas. Desenvolve-se, assim, “um aprendizado que ultrapasse as simples narrativas cronológicas, que desconstrua narrativas já consolidadas e reconstrua novas narrativas”, utilizando-se de “métodos que auxiliem especificamente nesse processo” (Fraga; Aguiar, 2021: 3).

Os temas controversos caminham em direção a uma definição do que é uma *história pesada*, perspectiva que inclui o “sentimento de culpa, responsabilidade, vergonha e luto”, mas cujas “questões necessitam ser apreendidas, levando-se em conta determinados problemas” (Schmidt, Cainelli, Miralles, 2018: 485). Esses temas não podem ser escamoteados nas aulas de história, pois o processo de elaboração do passado não corresponde apenas à cognição ou racionalização das narrativas, mas perpassa concomitantemente os sentimentos, a empatia histórica e a dimensão ética. A aula histórica proposta pelos graduandos estimula tais articulações entre ciência histórica e vida prática, na medida em que confronta as ideias de estudantes da educação básica através do desenvolvimento de conceitos, da utilização de fontes e da (re)elaboração de narrativas a partir da notícia apresentada como tema gerador da aula.

Aula Histórica na pós-graduação: relações entre pesquisa acadêmica e narrativas de crianças e jovens

A segunda situação apresentada foi desenvolvida na disciplina de Didática da História, ofertada no segundo semestre de 2022 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (PPGH UFG). A matriz da Aula Histórica foi utilizada para compreender as relações entre a dimensão didática do conhecimento histórico no contexto da pesquisa, sem perder de vista a função das investigações da pós-graduação no contexto social. Partiu-se da seguinte provocação: como os temas de investigação dos mestrados poderiam dialogar com as ideias de crianças e jovens?

Assim, os estudantes selecionaram fontes que utilizam em suas pesquisas de mestrado e foram a campo para indagar esse público escolar acerca de conceitos-chave que estruturam esses trabalhos, mapeando ideias prévias infanto-juvenis que podem potencializar as suas futuras dissertações. Como tais ideias podem estimular a academia a dialogar com a vida prática, considerando que todo tema de pesquisa parte da realidade e retorna a ela como resposta? (Rüsen, 2015).

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstitutivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

Para a elaboração das propostas de Aula Histórica, os mestrandos foram a campo e elaboraram de três a cinco perguntas a partir de uma fonte apresentada a um grupo de crianças ou jovens da educação básica. O roteiro de elaboração da aula é idêntico àquele que foi desenvolvido na turma da graduação (vide quadro 1). A seguir, constam os resultados de uma das seis propostas elaboradas nesse contexto:

Quadro 5: Síntese das propostas elaboradas pela estudante 1 (PPGH UFG).

Etapas	Respostas
1	“A situação-chave que conduziu a aula histórica é o resultado de um questionário aplicado a cinco estudantes do ensino médio de escolas públicas sobre a ditadura civil-militar (1964-1985). Para identificar as carências de orientação desses alunos, elencamos algumas competências que deveriam ser contempladas nas respostas dadas à entrevista (Estudante 1, agosto de 2022).
2	“A partir das carências apresentadas pelos estudantes, definimos como conteúdo o ensino de história do Brasil contemporâneo, tendo como norte o desenvolvimento, principalmente, das competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Conceitos substantivos: autoritarismo; ditadura; fascismo; política; poder. Conceitos de segunda ordem: história; tempo; mudança; permanência; ruptura” (Estudante 1, agosto de 2022).
3	“As fontes instrumentalizadas para a aula são majoritariamente jornalísticas. Trabalharemos com matérias produzidas pelos jornais Folha de São Paulo e Diário de Pernambuco, para evidenciar o que era produzido pela grande mídia sobre o momento. Como contraposição, trabalharemos com os documentos produzidos pelos próprios órgãos de repressão” (Estudante 1, agosto de 2022).
4	“Objetiva-se que após o manuseio das fontes os alunos produzam narrativas que expressem o desenvolvimento de uma consciência histórica crítico-genética, por meio da elaboração de argumentos que contenham uma compreensão crítica e ampla do passado, que contemple as mudanças e permanências intrínsecas aos processos históricos (Estudante 1, agosto de 2022).
5	“A avaliação consistirá na participação feita pelos alunos em debates promovidos em sala de aula, assim como na análise da produção textual que integrará todas as aulas, devido a identificação das dificuldades de construção narrativa identificadas nos alunos. Os alunos serão avaliados em todas as aulas, sempre nos momentos finais, após o debate e mediação do professor. A avaliação será sempre de uma produção textual realizada pelos estudantes, visto que consideramos que a capacidade de construção narrativa corresponde a efetivação da aprendizagem histórica (Rüsen, 1992)” (Estudante 1, agosto de 2022).

Fonte: Elaboração dos autores (2022).

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstitutivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

Diferentemente da situação proposta na graduação, a dinâmica realizada com os estudantes de pós-graduação os desafiou através da realização de entrevistas com o público da educação básica, partindo de suas investigações de mestrado. O quadro 5 evidencia a potencialização da Aula Histórica ao selecionar conceitos-chave e fontes que foram utilizadas com as crianças e jovens em situação escolar. O trabalho mostrou que muitos aspectos da pesquisa se articulam de forma muito mais intensa do que os próprios mestrandos supunham antes da ida a campo. Perceberam que as suas pesquisas, apesar de serem desenvolvidas no âmbito acadêmico, impactam e dialogam diretamente com a vida prática desses sujeitos, o que revela a importância dessa circularidade entre universidade e educação básica, promovendo articulações que transcendam os estágios ou disciplinas de formação docente. Pesquisas de pós-graduação podem e devem transpor os espaços acadêmicos para conversar com o público, construindo sentidos a partir da conexão entre a historiografia e a cultura histórica.

Aula Histórica no estágio de docência: articulações entre a pós-graduação e a graduação

O objetivo da terceira proposta de Aula Histórica, realizada com os estudantes da graduação do quinto período, foi compreender uma possível relação entre a pesquisa de um mestrando (em situação de estágio de docência na graduação) com a Didática da História. Para isso, a aula se dividiu em três momentos: primeiramente, foi feita a apresentação da matriz de Schmidt (2020); no segundo momento, foi aberto um espaço para que o pesquisador da pós-graduação apresentasse sua pesquisa aos estudantes, tecendo nexos com elementos sociais do tempo presente; por fim, fora proposto aos graduandos que expusessem possíveis abordagens do conteúdo a estudantes da educação básica.

O ponto inicial da dinâmica foi basilar para o desenvolvimento da proposta. Segundo Schmidt, a Aula Histórica tem como princípio produzir sentido ao conteúdo histórico pois está “alicerçada em uma concepção de aprendizagem histórica” (2020: 132). Assim como a epistemologia da ciência histórica, a Didática Reconstitutivista da História permite que os sujeitos produzam e reconstruam o “processo metódico da

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstructivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

produção do conhecimento” (Idem). De outra forma, essa mesma Didática insere-se na interação entre os interlocutores (discentes e docentes) para a reconstrução do conhecimento histórico. No entanto, isso não representa uma tentativa de transformar estudantes em historiadores, mas incorporar à própria aprendizagem da disciplina histórica o sentido prático do conhecimento junto à epistemologia da ciência histórica. Portanto, a autora propõe a aproximação entre o conhecimento científico e o escolar, em cujo processo o pensamento histórico dos estudantes é elaborado a partir da atribuição de sentido prático em consonância com a abordagem docente.

A exposição do tema da pesquisa de mestrado, realizada no segundo momento, se relaciona diretamente às abordagens propostas por Schmidt. Ao incorporar em sua matriz a *história controversa*, a autora enfatiza noções que dialogam com realidades históricas sensíveis. Nesse caso, o conteúdo abordado em sala foi baseado no artigo *Violência e Normalização: discurso na imprensa goiana na primeira metade do século XIX (1838-1850)*, escrito pelo estagiário de mestrado do PPGH-UFG, responsável pela aula. No texto supracitado, o autor analisa os desdobramentos da justiça provincial goiana, elencando a violência ao processo de normalização dos corpos nos espaços sociais que evidenciam a utilização dos dispositivos de controle - cadeias, processos judiciais, estratégias de repressão, entre outros - reverberados pela imprensa (Marciano, 2022). Ressalta-se que o tema evoca elementos diversos das relações sociais na província goiana, no século XIX; logo, os graduandos puderam, a partir das possibilidades de abordagem em sala de aula, elaborar a aula histórica com elementos próprios e de acordo com possíveis carências de orientação de estudantes da educação básica.

Um desdobramento de tema controverso pode ser observado pelas proposições do grupo 1 (quadro 6). O grupo direcionou a proposta de Aula Histórica à *Casa de Câmara e Cadeia* no século XIX, instituição abordada pela aula do pós-graduando. A partir do processo de patrimonialização da Cidade de Goiás, no final da primeira metade do século XX, a cadeia passou a ser reconhecida como *Museu das Bandeiras* - nome alusivo ao processo de colonização das terras goianas (Tamaso, 2007) - e possibilita identificar o paralelo entre história e patrimônio indicado por Schmidt (2020: 135).

Quadro 6: Síntese da proposta elaborada pelo grupo 1.

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstructivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

Etapas	Respostas
1	A situação chave indicada refere-se diretamente à Casa de Câmara e Cadeia (Museu das Bandeiras) (Grupo 1, junho de 2023: 1). A verificação das Carências de Orientação serão baseadas em questionamentos referentes a temas gerais do recorte selecionado: “perguntar o que pensam sobre a cadeia, o que sabem do processo de julgamento e punição do Brasil, o que caracteriza um criminoso, quem constrói as leis e quem as aplica” (Idem). As possíveis carências de orientação seriam formadas por preconceitos do tempo presente: “Toda punição é justa e legítima, o contexto individual sobrepõe o social no caso do crime” (Ibidem).
2	A partir das competências desejáveis pela BNCC/livro didático, o grupo abordaria o “processo de povoamento do interior do Brasil. História de Goiás. Escravidão, presença e institucionalização da violência na construção da ordem social” (Idem). Os conceitos substantivos seriam: “Poder, violência, institucionalização, marginalização, cultura” (Ibidem). Quanto aos conceitos de segunda ordem os graduandos inferiram os seguintes: “prisão e crime (conceito político e histórico-cultural na Colônia e no Império), memória, patrimônio” (Ibidem).
3	O uso de fontes primárias esteve centralizado na proposta, sendo o “Código Criminal do Império do Brasil”, de 1830; fontes estatísticas de sujeitos julgados; “vestígios arqueológicos e artefatos históricos do sistema da Colônia e do Império”; relação/diferenciação de sujeitos punidos, evidenciando a “taxa de população prisional e na distribuição de cor raça e população presa” (Grupo 1, junho de 2023: 2). Identificação dialogada das evidências; abordagens comparativas entre as fontes e a instituição; e observação da “organização do poder na sociedade escravocrata” (Idem).
4	A produção narrativa esperada pelos graduandos seria representada pelas diferenciações sociais dos sujeitos no século XIX, em Goiás; segundo eles, “os alunos discutirão o perfil dos presos” se atentando às tipificações penais de indivíduos livres e escravizados (Grupo 1, junho de 2023: 2). Em relação à memória e patrimônio, o grupo propôs abordagens de “ressignificação de símbolos de poder em espaços de memória social”, como é o caso da Casa de Câmara e Cadeia (Idem).
5	A metacognição seria apreendida por meio de atividades dialogadas do início ao fim da exposição do conteúdo. Portanto, os instrumentos avaliativos seriam debates a favor do protagonismo estudantil e produções textuais “sobre a Casa de Câmara e Cadeia e os temas que a rodeiam” (Grupo 1, junho de 2023: 2). Além desses aspectos, o grupo elencaria esse processo avaliativo à produção narrativa quanto ao tema, possibilitando a externalização sobre “o que aprenderam de novo, as dúvidas produzidas e questionamentos que vieram após

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstitutivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

	realização desse trabalho” (Idem: 3).
--	---------------------------------------

Fonte: Elaboração dos autores (2023).

O primeiro grupo deste trecho, apresentou não somente relações possíveis entre a aula de História e a vida prática dos estudantes, mas também o esforço epistemológico em propor, através do diálogo em sala, a construção do conhecimento histórico. A partir da atividade, observa-se que o grupo relacionou o processo de aprendizado às ferramentas de análise historiográfica primárias; ou seja, o próprio aprender nesse sentido seria compreendido pelo contato direto com fontes historiográficas - como é o caso da proposta de análise dos Códigos Criminais do Império brasileiro e apresentações estatísticas de encarceramento no século XIX.

Apesar de compartilharem o mesmo recorte temático, as proposições demonstraram-se diversas no que se refere a possibilidades de abordagens em sala de aula. O grupo 2 ateu-se às noções consideradas gerais do conteúdo histórico com base nas competências curriculares. No entanto, ressalta-se que a abordagem se manteve epistemologicamente baseada na matriz de Schmidt (2020). Apesar da amplitude, o segundo grupo debateria frontalmente temas como racismo e marginalização - tais aspectos também estão presentes na atividade do primeiro grupo-, porém a ênfase do segundo está vinculada diretamente aos conceitos substantivos e de segunda ordem, perpassando a centralidade do debate proposto.

Quadro 7: Síntese da proposta elaborada pelo grupo 2.

Etapas	Respostas
1	Violência na província de Goyaz, no século XIX, perpassando as diferentes ferramentas de controle social dos sujeitos (Grupo 2, junho de 2023: 1). Utilização das evidências sobre o tema e indagações para aferir as carências de orientação dos estudantes (Idem). As possíveis carências de orientação, segundo o grupo, concernem em curiosidades dos estudantes quanto ao tema; “como eram as condições carcerárias vividas pelos detentos da casa de Câmara e Cadeia? [...] Como se davam as ações dos oficiais do Império no emprego da lei regente na província de Goyaz?” (Ibidem).

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstitutivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

2	O grupo, de forma mais aplicada às competências previstas pela BNCC, ampliou possibilidades de integração do conteúdo ao que se espera legalmente das aulas sobre o Império brasileiro, no século XIX. Com efeito, relacionaram o recorte proposto a análise de fontes, com intuito de “identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens” (Grupo 2, junho de 2023: 1) e entender as diversas relações sociais do passado a partir do “cotidiano, estilos de vida, valores, condutas etc.” (Idem).
3	As fontes seriam utilizadas de maneira comparada, como por exemplo as “Ordenações Filipinas” e “Código Criminal de 1830” (Grupo 2, junho de 2023: 3). Como metodologia, fariam a relação entre as fontes e imagens de arquivos digitais.
4	As narrativas esperadas pelo grupo apontam para a relação entre passado e presente. Dessa forma, espera-se que os estudantes apontem “como o racismo está enraizado nos conceitos de marginalização e criminalidade [...] demonstrando, também, essas reverberações no presente” (Grupo 2, junho de 2023: 3). A relação patrimonial com o tema, pelo que fora elencado, estaria relacionado à própria Casa de Câmara e Cadeia e o processo histórico de patrimonialização - no tempo presente, a instituição é conhecida como Museu das Bandeiras - (Idem).
5	Os instrumentos avaliativos utilizados seriam atividades em grupo e perguntas elaboradas pelos estudantes. Os momentos podem ser divididos em duas etapas; a primeira reuniria os estudantes em um debate prévio, ausente da explanação docente quanto ao tema, disponibilizando fontes impressas ou digitais; o segundo momento finalizaria a inserção temática, considerando que haveria outro debate “a partir das atividades” (Grupo 2, junho de 2023: 3-4).

Fonte: Elaboração dos autores (2023).

Um dos elementos que merecem atenção se refere ao processo epistemológico da História. Ambos os grupos apresentaram abordagens representativas da Aula Histórica que, por sua vez, é mediada pela operação reflexiva do aprendizado. Logo, as diferentes possibilidades da aula devem levar em consideração o contexto escolar e a relação que os estudantes têm com o passado; por isso, em um dos tópicos fora pedido que os grupos apresentassem possíveis carências de orientação dos estudantes com o tema proposto. Porém, pensar formas mediadoras diferentes exige uma intrínseca relação com a teoria da História e suas bases metodológicas.

Isso se torna mais visível quando se destaca o encurtamento entre o que se

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstitutivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

consolidou como prática de pesquisa e prática do ensino de História a partir da Didática Reconstitutivista da História. Schmidt (2020) aponta que essa abordagem “defende que o historiador que pesquisa é também um professor e o professor que ensina é também um historiador, contestando a dicotomização entre quem ensina e quem pesquisa” (2020: 148). Ou seja, a Didática Reconstitutivista intensifica a necessidade do domínio da pesquisa, métodos e teoria, da mesma maneira que leva em consideração o sentido prático da História.

Desse modo, essa dicotomia é marcada por um profundo processo de mudança epistemológica e curricular no Brasil. Nomeado de “dualismo entre teoria e prática” por Mendes, Arrais & Berbert Júnior (2023: 5), a teoria da História esteve, em grande parte da existência da disciplina histórica, desvinculada do processo formativo em sala de aula; no entanto, a partir da década de 1970, historiadores e historiadoras se ocuparam de forma significativa do debate em torno dessa dicotomia. O resultado desses elementos a partir do “louvável esforço de aproximação entre os campos de pesquisa da teoria da história e do ensino de história” (Mendes, Arrais & Berbert Júnior, 2023: 20), foi o rompimento com a ênfase da didática como um campo metodológico e equidistante da aprendizagem histórica.

A necessidade desse esforço epistemológico é relacionável aos resultados apresentados. Ao perscrutar um novo sentido pela matriz apresentada, os estudantes deveriam relacionar a prática docente a uma nova abordagem; o planejamento da aula, nesse sentido, torna-se uma ferramenta epistemológica ampla e diversa. Noções como os conceitos substantivos e de segunda ordem fazem parte desse “rompimento” da didática com o campo puramente prático e metodológico. Os conceitos substantivos concentram-se “em reflexões a respeito dos conceitos históricos” (Germinari et al, 2020: 5) -; nesse caso, alguns conceitos que poderiam responder a essas questões seriam: Império brasileiro, Racismo, Escravidão, entre outros.

Os conceitos de segunda ordem referem-se ao pensamento histórico, incorporando possibilidades interpretativas a partir da teoria e metodologia da história: “nesse enfoque, não interessam as questões relativas à quantidade ou simples correção de informações factuais do passado, mas questões relacionadas ao raciocínio e à lógica histórica” (Germinari et al, 2020: 5) - possíveis relações seriam evidência histórica, narrativas, identidade, cidadania, entre outros. Reforça-se que, nesse sentido, não se trata de correção

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstitutivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

ou valoração das abordagens apresentadas pelos grupos, mas de compreender que o domínio das ferramentas historiográficas e o aprendizado histórico atuam conjuntamente no que se refere à Didática Reconstitutivista da História.

Considerações finais

Parte do que se desdobrou das aulas históricas evidenciou estímulo crítico dos(as) participantes das atividades expostas nos quadros. Pode-se considerar, parcialmente, que o intuito da exposição dos pressupostos da Didática da História a professores e professoras em formação foi inserir o processo de subjetivação do conteúdo histórico que passa pela compreensão da “lógica do pensamento histórico” (Schmidt; Martins, 2011: 30). Ou seja, o desdobramento da Didática Reconstitutivista da História considera as diversas possibilidades narrativas entre professores(as) e estudantes e, de forma articulada à Teoria da História, rompe com os pressupostos da transposição didática. A atuação docente, nesse sentido, insere-se na evidenciação e articulação das realidades sociais e culturais.

Nos casos arrolados acima, identifica-se que os(as) docentes em formação integraram, sobretudo, narrativas relacionadas a histórias controversas e traumáticas - dado o contexto da ditadura militar brasileira, por exemplo -, sujeitos marginalizados e elementos culturais e artísticos proscritos socialmente.

A análise das propostas de Aula Histórica dos estudantes desdobrou-se no levantamento/estudo indicativo de que a epistemologia da ciência histórica, sobremaneira, vincula-se ao sentido prático e discursivo do conteúdo. A Didática Reconstitutivista, nesse sentido, fora apreendida, pelos(as) graduandos(as) e pós-graduandos(as), a partir do prisma narrativo que estimulou abordagens, em parte considerável dos quadros, contra-hegemônicas do conteúdo histórico - refere-se aqui ao enfoque principal em sujeitos marginalizados, culturas afrobrasileiras, resistências, formas de expressão artística, entre outros.

Portanto, as dinâmicas das propostas foram mais ou menos ampliadas pela abordagem da Didática Reconstitutivista da História. A incrementação dos pressupostos da matriz de Schmidt (2020) reforça que a prática, baseada epistemologicamente na ciência histórica, exige a formação reflexiva e crítica do conteúdo; logo, a relação entre

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstrutivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

teoria e prática é intrínseca. Assim, a matriz é o ponto inicial do processo reflexivo necessário para a aula pois aloca um momento prévio e *metateórico*.

O texto buscou apresentar, de forma descritiva e analítica, alguns resultados prévios dessa abordagem na Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, em diferentes etapas da formação acadêmica. Nesse percurso, a relação entre a formação profissional e a vida prática dos sujeitos é relevante, já que os diferentes temas foram necessariamente vinculados a questões do tempo presente e às carências de orientação. A partir desse trabalho, pretende-se dar continuidade em futuros projetos e ações no âmbito da graduação e da pós-graduação nesta instituição, bem como estabelecendo diálogos com outros grupos que pensam o ensino e a aprendizagem histórica como objetos centrais da formação acadêmica.

A matriz da Aula Histórica, na perspectiva da Didática Reconstrutivista da História, soma-se a um conjunto de esforços que vêm sendo empregados para que a dimensão da aprendizagem não se restrinja a disciplinas de estágio ou ensino, entendendo-se que tal compreensão deve perpassar todos os componentes e etapas do processo formativo, gerando interlocuções entre a história pesquisada e ensinada. No âmbito da FH UFG, alguns passos foram dados nesse sentido. Mas há um longo caminho pela frente, considerando as resistências e permanências num campo em que a teoria e prática nem sempre dialogam, apesar da necessária indissociabilidade entre estas duas dimensões.

Referências bibliográficas

BARCA, Isabel (2004), Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In: BARCA, Isabel et al. *Para uma educação de qualidade: Atas das Quartas Jornadas de Educação Histórica*. Braga: CIED, Universidade do Minho, p. 131-144.

FRAGA, Alcinea da Silva França; AGUIAR, Edinalva Padre (2021), A aula histórica como metodologia contributiva para a formação do pensamento histórico dos alunos. *ANPUH Brasil - 31º Simpósio Nacional de História*. Rio de Janeiro.

GERMINARI, Geysa Dongley; URBAN, Ana Claudia (2020), Educação histórica e a contribuição para a formação de professores: experiências de pesquisa. *Roteiro*, [S. l.], v. 45, p. 1–22.

GEVAERD, Rosi Terezinha Ferrarini (2020), Metodologia da aula histórica: inovação no

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstructivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

currículo e nas práticas pedagógicas. *REUNINA*, vol.1, nº 01.

LÈVESQUE, Stéphane (2016), Going beyond “Narratives” vs “Competencies”: a model of understanding history education. *Public History Weekly*, n. 4.

MARCIANO, Ruan Lucas (2022), Violência e normalização: discurso na imprensa goiana na primeira metade do século XIX (1838-1850). *Revista Diversidad de Las Culturas*, San Salvador Jujuy, v. 3, n. 8310, p. 34-50, dez.

MENDES, Breno; ARRAIS, Cristiano Alencar; BERBERT JÚNIOR, Carlos Oiti (2023), O lugar da teoria da história na formação de historiadores e historiadoras no ensino superior. *Varia Historia*, Varia Historia, Belo Horizonte, v. 39, n. 79, jan./abr.

RÜSEN, Jörn (2006), Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v.1, n.1, jul./dez.

RÜSEN, Jörn (2015), *Teoria da História: uma teoria da História como ciência*. Curitiba: Editora UFPR.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos (2008), “Perspectivas da Consciência Histórica e da Aprendizagem em narrativas de Jovens”. *Tempos Históricos*, Vol. 12, 2008, p. 81-96, jun.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos (2020), *Didática reconstructivista da história*. Curitiba: CRV.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; BARCA, Isabel; MARTINS, Estêvão de Rezende (orgs) (2011), *Jörn Rüsen e o Ensino de História*. Curitiba: Ed. UFPR.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; CAINELLI, Marlene; MIRALLES, Pedro (2018), As pessoas tentam, mas a história difícil não é facilmente descartada: o lugar dos temas controversos no ensino de história. *Antíteses*, v. 11, n. 22, p. 484-492, jul./dez.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; MARTINS, Estêvão de Rezende (orgs) (2016), *Jörn Rüsen: contribuições para uma teoria da Didática da História*. Curitiba: W.A Editores.

Cristiano Nicolini e Ruan Lucas Marciano – *A Didática Reconstructivista da História e a Aula Histórica: experiências na graduação e na pós-graduação*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 2 2023. 115-136. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_2a6

SEIXAS, Peter (2015), A History/Memory Matrix for History Education. *Public History Weekly*, vol. 4, n. 6.

SILVA, Maria da Conceição; MENDES, Breno; NICOLINI, Cristiano (2021), A aula-oficina e suas possibilidades: vinte anos depois, 1999-2019. In: Luís ALVES, Alberto Marques; GAGO, Marília; LAGARTO, Mariana (orgs.). *Vinte Anos das Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, p. 101-114.

TAMASO, Izabela (2007), *Em nome do patrimônio: representações e apropriações da cultura na cidade de Goiás*, Brasília, tese de doutorado, UnB.